

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E O TEMA DA SAÚDE: COMPREENSÃO E AÇÃO PEDAGÓGICAS

Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos
Departamento de Educação Física e Motricidade Humana (DEFMH)
Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF)
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

RESUMO

Considerando que a Educação Física brasileira sempre esteve vinculada à saúde, buscamos problematizar tal conceito para além de seu viés biológico e valorizar a sua perspectiva ampliada. Para tal, são articulados neste debate elementos tanto da Educação Física escolar quanto do Sistema Único de Saúde. A partir deste contexto são apresentadas, como sugestões, algumas possibilidades para o trabalho do professor de Educação Física na escola que considerem aspectos reflexivos e vivenciais em torno desta temática transversal. Nossa expectativa é mobilizar aspectos relacionados ao cuidado de si, ao cuidado do outro, à equidade social, com base na formação de um estudante autônomo e crítico em sua relação com as práticas corporais.

Palavras-chave: Educação física escolar; saúde; trabalho pedagógico.

ABSTRACT

Considering that Brazilian Physical Education has always been linked to health, we seek to problematize this concept beyond its biological strand and enhance its expanded perspective. To this end, elements of both school Physical Education and the Unified Health System are articulated in this debate. From this context, some possibilities for the work of the Physical Education teacher at school are presented, as suggestions, that consider reflective and experiential aspects around of this transversal theme. Our expectation is to mobilize aspects related to self-care, care for the other, social equity, based on the formation of an autonomous and critical student in their relationship with bodily practices.

Key-words: School physical education; health; pedagogical work.

INICIANDO...

Acredito que temos – assim como em outras tantas áreas do conhecimento, dentro e fora da escola – muitos temas que possamos desenvolver na perspectiva relacionada ao “entre os discursos e as práticas”. Com esse cenário, a minha opção foi por tratar de aspectos ligados à Educação Física (EF), à EF escolar e à saúde.

E essa minha opção se deu por alguns motivos, como:

a) por acreditar ser um tema forte na nossa área, que precisa constantemente ser lembrado, debatido, questionado e analisado;

b) por estar envolvido com ele profissionalmente, tanto no curso de licenciatura quanto no curso de bacharelado em EF da UFSCar, trabalhando diretamente com disciplinas que tratam dessa temática;

c) por ter tratado do assunto, em agosto de 2020, em um Curso de Atualização de Professores de EF Escolar, organizado pela Universidade Estadual de Santa Catarina.

Com isto posto, tenho consciência da complexidade e dos diversos olhares possíveis para a temática da saúde para a EF de um modo geral e, em particular, para a EF escolar. Mas... vamos lá... apresentar o meu olhar!

A partir disso, trato do conceito ampliado de saúde na EF e indico algumas possibilidades do seu trabalho pedagógico. Entendendo, com esse caminho, que se pensarmos em uma visão ampliada de saúde talvez consigamos redimensionar ou resignificar alguns aspectos importantes para a nossa área – lembrando sempre que não seria apenas uma única mudança em torno desta temática que resolveriam os embates que a área estabelece em torno da saúde. Há muito mais coisa em jogo.

Penso ser prudente também indicar um ponto de referência de minha fala, que está circunscrita e contextualizada no diálogo com professores de EF de escolas públicas (em sua maioria) e de particulares de duas regiões do interior do estado de São Paulo. Mais especificamente, às regiões de São Carlos e Bauru que são 170 km distantes entre si.

Temos convivido com colegas professores que têm passado muitas dificuldades pessoais e profissionais nesse momento de pandemia. Dificuldades que se caracterizam pela falta de orientação, de acompanhamento, de políticas públicas que, minimamente, contribuam e possibilitem suas ações profissionais.

E, ao mesmo tempo, esses professores têm se desdobrado para colaborar com as crianças, com os jovens e com seus familiares! Uma tarefa nada fácil, muito desgastante e que merece todo o nosso reconhecimento!

Para além das mazelas governamentais que, obviamente, envolvem as questões básicas de cultura, educação e saúde (condições econômicas e sociais das famílias – dos estudantes e dos professores! –, problemas de infraestrutura, saneamento básico, internet, preparação e formação continuada de professores...), temos identificado a dificuldade de pensar/repensar o papel da EF neste momento – que, claramente, é atípico e merece reflexões profundas!

Não tenho a pretensão de abordar o tema sob essa ótica. Contudo, penso que algumas reflexões podemos fazer. Vamos a elas!

Acredito que seja clara e evidente a relação entre EF e saúde, por vários aspectos relacionados à própria história da nossa área. Vou comentar, brevemente, alguns deles; apenas com o intuito de ilustrar essa minha afirmação, mas sem querer generalizar.

O primeiro aspecto e que imagino que todos nós, professores de EF, já estudamos ou vivenciamos em algum momento de nossa formação e atuação, é que a EF brasileira tem suas origens ligadas aos médicos, ao higienismo e à aptidão física. Autores como Betti (1991), Castellani Filho (1991) e Soares (1994) tratam da questão histórica da EF na escola e nos trazem tal constatação. Basta lembrar das aulas de ginástica, método francês, das turmas separadas por gênero, dos uniformes... Além disso, em tempos mais remotos, era comum que profissionais médicos fossem docentes em cursos de graduação na nossa área.

Outro ponto que gostaria de ressaltar é que, muitos cursos de formação inicial em Educação Física (licenciatura e/ou bacharelado) das universidades públicas brasileiras estão ligados a centros ou institutos da área da saúde. Por exemplo: Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Instituto de Biociências, Centro de Ciências da Saúde e do Esporte... entre outros.

E um terceiro elemento que creio valer a pena mencionar e que tem um peso considerável é a pós-graduação, o local de referência da produção do conhecimento na nossa área. Estamos ligados à grande área da “Ciências da Saúde” e, dentro dela, na chamada “área 21”¹, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que é composta pela Fisioterapia, Fonoaudiologia, Terapia Ocupacional e Educação Física (FERREIRA; RAMOS, 2017). Imaginem como é “estranho” ter, nessa área 21, um programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF) para professores efetivos de EF escolar dos sistemas públicos de ensino...

Provavelmente para maioria de nós, a partir desses três pontos elencados, não há problema algum em sermos ou estarmos na área da saúde. Ao contrário, talvez seja óbvio pela trajetória histórica das nossas origens.

E é aí que entro com um questionamento simples: mas de qual saúde estamos falando e nos referindo? Será que só temos uma única visão e/ou perspectiva de saúde?

A minha crítica (ou consideração) vai no sentido de acharmos – ou acharem – que tanto a saúde quanto a EF tenham apenas uma perspectiva, que é a do viés biológico, que considera prioritariamente os aspectos bioquímicos, fisiológicos e da aptidão física.

¹ Quero destacar que a Saúde Coletiva, por exemplo, também está na grande área das “Ciências da Saúde” da CAPES, porém, na “área 22” (<https://www.capes.gov.br/avaliacao/sobre-as-areas-de-avaliacao>).

Uma informação que acredito valer a pena salientar é que a discussão de um viés estritamente biológico na saúde não é um privilégio da EF. As diversas áreas do conhecimento que se valem da temática da saúde, de modo geral, possuem esse embate. Para citar algumas: medicina, enfermagem, fisioterapia e a própria biologia...

Como nós, há diversas áreas do conhecimento que admitem que

[...] existam características universais de determinados fatores biológicos da saúde e doença, porém, estas são experiências que não somente envolvem questões de alteração biológica no corpo, mas também questões culturais. Estas irão refletir nos modos de cada ator social (indivíduo, família, comunidade, agentes de saúde etc.) que esteja envolvido no processo saúde-doença entender, vivenciar, reagir e significar suas experiências (SCORSOLINI-COMIN; FIGUEIREDO, 2018).

Neste momento pandêmico e assustador pelo qual estamos passando, penso que não fica difícil observar isso: como cada um de nós entende, vivencia, reage e significa tudo que envolve a Covid-19, não é mesmo?

Destaco que na temática da saúde, defendida pelo Sistema Único de Saúde (SUS), há um embate entre saúde *pública* (biomédica) e saúde *coletiva* – que não exploraremos aqui – contudo, trataremos de alguns elementos da saúde coletiva, da perspectiva ampliada de saúde e que envolve, inclusive, a EF no SUS.

Quando tomamos contato com os Cadernos de Atenção Básica, em especial, no número 27, que aborda as “Diretrizes do NASF: Núcleo de Apoio à Saúde da Família” (BRASIL, 2010), temos um capítulo específico, que trata das “Práticas Corporais e Atividade Física (PCAF) no NASF”. Nele vamos encontrar orientações que ampliam o conceito da saúde biológica: “ênfatisando a promoção da saúde, a PCAF deve ser construída **a partir de componentes culturais, históricos, políticos, econômicos e sociais de determinada localidade, de forma articulada ao espaço-território onde se materializam as ações de saúde**” (BRASIL, 2010, p. 125 – grifo nosso).

Aproveito, então, para explicitar a perspectiva que tenho utilizado e assumido de saúde desde a época de divulgação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1998), quando publicamos, no ano 2000, um artigo que tratava dessa temática (RAMOS; FERREIRA, 2000). A ideia passa pelo chamado conceito ampliado de saúde.

E o que quer dizer esse **ampliado**?

Como já indicado: é ampliar o conceito para além da ideia do aspecto biológico, ou seja, considerar também os aspectos sociais, psicológicos, afetivos e culturais. E por que isso? Básica

e fundamentalmente, para que possamos compreender melhor e de forma mais ampla a área a qual pertencemos e, daí, podermos pensar em uma ação pedagógica na escola (ou fora dela) mais ampla e, talvez, mais efetiva e afetiva.

Acredito que quando ampliamos nosso olhar e nossa compreensão para a área profissional a qual fazemos parte, temos mais e melhores condições de fazer um trabalho que afete, que alcance as pessoas que “usufruem” e compartilham desse trabalho de uma maneira mais significativa e sensível.

Portanto, quando penso em saúde na EF me refiro à concepção que entende esse fenômeno de forma (mais) ampliada, que busca superar os aspectos biológicos – sem ignorá-los – e que vá além da aptidão física e da culpabilização do estudante ou do sujeito!

Penso que frases do tipo: *Não faz porque é preguiçoso... Pratique esporte! Esporte é saúde!... É por isso que é gordinho...* são expressões que carecem de compreensão e reflexão por parte dos envolvidos e, na minha opinião, precisam ser extintas do vocabulário de professores e estudantes!

Chamo a atenção, contudo, para a seguinte situação: em vários momentos de questionamento da manutenção da EF no nosso sistema educacional, infelizmente, a área tem apelado para justificativas biológicas como o combate ao sedentarismo e à obesidade de crianças e jovens e mesmo, ainda, para a formação de atletas (FERREIRA; RAMOS, 2017). Passamos por isso recentemente, quando da discussão da manutenção ou retirada da EF no ensino médio.

Assumo também a EF na escola, na perspectiva da cultura corporal de movimento, ou seja, como uma área de intervenção pedagógica que trata das formas culturais dos jogos, das ginásticas, dos esportes, das lutas, das danças e das atividades expressivas (BETTI, 2001).

Assentado nesta mesma terminologia/sentido da/para a cultura corporal de movimento, o documento do SUS circunscreve a EF como:

O “[...] campo de saber da Educação Física é constituído de conteúdos da cultura corporal ou cultura de movimento e dos conhecimentos sistematizados nos campos do esporte e aptidão física, da história, da antropologia, da sociologia, da educação e da saúde” (BRASIL, 2010, p. 126).

Sob este ponto de vista,

[...] recomenda-se que o profissional de Educação Física favoreça em seu trabalho a abordagem da diversidade das manifestações da cultura corporal presentes

localmente e as que são difundidas nacionalmente², **procurando fugir do aprisionamento técnico-pedagógico dos conteúdos clássicos da Educação Física**, seja no campo do esporte, das ginásticas e danças, bem como na ênfase à prática de exercícios físicos atrelados à avaliação antropométrica e à performance humana” (BRASIL, 2010, p. 126 – grifo nosso).

Se admito a EF na escola nesta perspectiva da cultura corporal de movimento, entendo a saúde na EF escolar como um tema – e não como conteúdo (já que os conteúdos são as lutas, as ginásticas, as danças, os esportes, os jogos, as atividades expressivas) – a ser discutido pelos diversos componentes curriculares, isto é, pela Geografia, pela História, pela Biologia e pela EF. Assim como outros temas também devem permear os diversos componentes curriculares, como: gênero, racismo, meio ambiente, consumo, violência...

Em outras palavras: entendo que a EF deve tematizar a saúde através dos jogos, dos esportes, das lutas, das ginásticas, das atividades expressivas. Todavia, – mesmo que isso já seja um grande avanço para a área! – não basta ampliar os conteúdos da EF e continuar a trabalhá-los da mesma maneira e com o mesmo viés/significação.

POSSIBILIDADES DO TRABALHO PEDAGÓGICO

Em artigo anterior no qual problematizamos o tema (RAMOS; FERREIRA, 2000), indicamos algumas possibilidades de trabalho da saúde ampliada nas aulas de EF, a saber:

a) em aulas de futebol: explicitar aos estudantes a importância e a necessidade de se realizar exercícios de aquecimento e alongamento das principais musculaturas envolvidas naquela prática esportiva, apresentando informações claras e justificando sua realização, evitando, desta maneira, as famosas “dores do dia seguinte” e, mais do que isto, possibilitar a autonomia do estudante em relação à atividade física e saúde;

b) em aulas cujo conteúdo seja o basquetebol: procurar trabalhar com os estudantes aspectos ligados à interação social e às diversas possibilidades de alterações das regras para aquele determinado grupo, enfatizando a questão da auto estima e da sociabilização, pontos diretamente relacionados à questão da saúde individual e coletiva.

c) em uma aula de ginástica localizada: falar sobre a sua realização justificando sua execução através do fortalecimento da musculatura local (bíceps, quadríceps, abdômen...); esclarecer sobre postura e respiração adequadas durante a realização dos exercícios; informar sobre a necessidade da ingestão de líquidos e alimentos adequados antes, durante e após a atividade física;

² Um dos critérios de orientação utilizados pela recente Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o desenvolvimento dos conteúdos brincadeiras e jogos, lutas e danças em aulas de EF na escola.

capacitar o estudante a perceber seus limites corporais identificando seu próprio ritmo de execução dos exercícios da ginástica localizada; discutir sobre os efeitos da “malhação” sem medida; problematizar sobre o atual padrão de beleza imposto pela mídia e sua relação com a saúde individual e coletiva.

d) propor aos estudantes um estudo histórico do caráter higiênico atribuído à educação física ao longo do tempo, caracterizando seus objetivos, a população que tinha acesso às práticas corporais, a percepção de corpo expressa, por exemplo, através das vestimentas utilizadas (por homens e mulheres), se havia a perspectiva de transformação da realidade. Tal estudo pode ser desencadeado através de determinadas práticas corporais como a capoeira e o futebol no contexto brasileiro.

e) em relação ao esporte de alto rendimento: buscar desmistificar, junto aos estudantes, a ideia simplista e corrente que “Esporte é saúde”, apresentando exemplos divulgados pela própria mídia das inúmeras lesões advindas do excesso de treinamentos e jogos; da utilização de estimulantes em busca de melhores resultados em detrimento da própria saúde, caracterizando as diversas situações de doping. Uma alternativa bastante viável seria solicitar que os estudantes fizessem pesquisas e entrevistas junto a times de seu bairro e/ou sua cidade, procurando relacionar o trinômio esporte-saúde-rendimento.

Em 2006, participamos da publicação de um livro intitulado “Educação Física e temas transversais: possibilidades de aplicação” (DARIDO e cols., 2006), cuja proposta central era oferecer ao professor de EF elementos que o auxiliassem no trabalho dos temas transversais na escola. A partir de artigos de revistas e jornais da mídia impressa, sugeríamos aplicações didáticas de pesquisas, vivências, questões para reflexão, leituras, filmes e sites para as aulas de EF. Ficamos responsáveis pela temática da saúde e propusemos o trabalho a partir de nove temas, a saber: “Atividade física e saúde são a mesma coisa?”, “Limites do corpo”, “Eu nunca vou ficar velho!!!”, “Bomba!!!”, “Escravo do corpo?”, “‘Gordinho’ sim. Qual é o problema?”, “Lesões na prática dos esportes”, “Nutrição e qualidade de vida” e “Reabilitação dos movimentos: um sonho”.

Para Bracht (2013), sobre a EF escolar,

[...] a ampliação do conceito de saúde significou no plano da prática pedagógica que o tema saúde fosse explicitamente tematizado, agora **não mais para apenas realizar práticas corporais como fomentadoras da saúde, mas também, para refletir sobre essas práticas, seus limites e suas possibilidades, na tentativa de desenvolver uma visão crítica do tema da saúde relacionada com as atividades físicas ou práticas corporais**” (p. 188 – grifo nosso).

Em trabalho desenvolvido por Oliveira, Martins e Bracht (2015), os autores realizaram um processo de formação continuada, em uma perspectiva da pesquisa-ação, com professores da rede pública de Vitória/ES com o tema “educação para a saúde” e, entre outras ações, “a construção de projetos com a temática da saúde e intervenção dos professores em suas respectivas escolas” (p. 244). Segundo os autores, os cinco projetos foram construídos coletivamente e colaborativamente durante o processo de formação continuada, sendo eles:

1) *“Atividades de lazer e a promoção da saúde”* (2º e 3º anos), a partir de conflitos e acidentes ocorridos na hora do recreio, como a EF poderia contribuir através das práticas corporais jogos e brincadeiras;

2) *“Você brinca de que?”* (7ª série), resgate dos jogos e brincadeiras, tematizando a promoção da saúde através dos elementos violência e sedentarismo;

3) *“Saúde nas relações sociais”* (5º ano), como os estudantes com deficiência podem ser incluídos, sendo elencadas questões como: cuidado com o outro, solidariedade e cooperação e utilizados os conteúdos jogos e esportes adaptados;

4) *“Os jogos em jogo: a iniciativa da EMEF SOL por uma relação mais saudável”* (1ª a 4ª séries e 5ª a 8ª séries), foco central nas relações do cuidado de si, cuidados do outro e na promoção de encontros que contribuíram para a potencialização da vida dos estudantes envolvidos. Os conteúdos foram: festival (jogos e brincadeiras) e jogos escolares (equipes de várias turmas, futebol, vôlei e queimada);

5) *“A contribuição da EF a saúde do estudante do Forte São João/Projeto cuidando de nós”* (2º segmento da EJA), conjuntamente com a professora de Língua Portuguesa, produção textual sobre o cotidiano dos estudantes (a experiência/impacto de descer e subir a escadaria da comunidade) como atividade diagnóstica e, posteriormente, práticas corporais que potencializassem o cuidado de si.

Os autores indicam que “nossa premissa teórica acerca de um conceito ampliado de saúde advém das **possibilidades de conferir autonomia às pessoas para que possam dirigir sua saúde, imbuídos em questões que vão do plano pessoal-individual até o plano das relações sociais**” (OLIVEIRA; MARTINS; BRACHT, 2015, p. 246-247 – grifo nosso).

Quero retomar o documento citado anteriormente sobre o trabalho do profissional de EF lá no NASF/SUS.

Vejam o que sugere o texto das PCAF:

[...] torna-se fundamental a participação dos demais profissionais do NASF e das equipes de Saúde da Família na **construção de grupos para desenvolvimento de**

atividades coletivas que envolvam jogos populares e esportivos, jogos de salão (xadrez, dama, dominó), dança folclórica ou a ‘que está na moda’, brincadeiras, entre outros, **contextualizada num processo de formação crítica do sujeito, da família ou pessoas de referência dele e da comunidade como um todo.**” (BRASIL, 2010, p. 126 – grifo nosso).

Não seria essa uma efetiva proposta/defesa sobre a saúde nas aulas de EF na escola? Um trabalho interdisciplinar, multidisciplinar ou interprofissional, com uma temática transversal, que considere os contextos dos estudantes (suas origens, suas famílias) e provoque a sua autonomia?

Não quero parecer simplista ou mesmo indicar uma relação de causa e efeito, mas entendo que, com tais perspectivas, teríamos condições de retomar esses aspectos juntos aos nossos estudantes das escolas, no dia-a-dia e, inclusive, em um período como esse que estamos vivendo.

Claro que cada espaço e cada prática corporal deve ser contextualizada e ressignificada em cada local, de acordo com suas características, participantes, demandas e objetivos. A escola é diferente do SUS! Cada escola é diferente de outra escola! Contudo, podemos/devemos relacionar, no caso da saúde, as perspectivas que considerem as práticas corporais para além de seu caráter biológico, utilitarista e culpabilizante dos sujeitos (estudantes):

Uma sugestão ou dica, talvez seja compreender que as práticas corporais – também na escola! – podem ser potencializadoras de dinâmicas sociais que busquem aspectos relacionados ao cuidado de si (SILVA e cols., 2009), ao cuidado do outro, à equidade social.

Pensar as práticas corporais na perspectiva da autonomia dos estudantes/sujeitos a partir da EF. Autonomia esta que, segundo Palma e Assis (2014), está relacionada à

[...] **capacidade de eleger, organizar e avaliar a própria participação ou de outros nas atividades típicas da cultura corporal do movimento humano (jogo, esporte, dança e ginástica) e com diferentes objetivos (saúde, aptidão física, estética, inserção sociocultural, competição esportiva, entre outros aspectos)** (p. 68 – grifo nosso).

Longe de querer apresentar uma visão utilitarista – principalmente nesse momento caótico de pandemia – penso que não podemos nos esquecer das práticas corporais introjetivas ou práticas corporais alternativas (FERREIRA, 2000; LORENZETTO; MATTHIESEN, 2008; MORAIS; LEMOS, 2014) que buscam um autoconhecimento do indivíduo. Não é usual na nossa área trabalhar esses conteúdos no ambiente escolar. Ao contrário, ainda estamos

associados à ideia de “gastar energia”, correr, suar... como se as práticas corporais fossem reféns destas características associadas à aptidão física/exercício.

Também para não fugir da analogia que estabeleci para esta minha fala com as propostas do SUS, temos as chamadas Práticas Integrativas e Complementares (PIC) que são preconizadas no processo terapêutico dos sujeitos (BRASIL, 2010; ANTUNES e cols., 2018). Alguns exemplos são: yoga, tai chi chuan, antiginástica, eutonia, dançaterapia, práticas de respiração e relaxamento.

No estado de SP, em gestões anteriores, tivemos na educação continuada de professores da escola pública, cursos de uma dessas práticas terapêuticas corporais (*Lien Ch'i*) com o objetivo de diminuir a violência e aumentar a concentração de estudantes³...

Entendo, desta forma, que a compreensão de tal perspectiva em cursos de formação de professores/profissionais da EF poderia nos ajudar a construir outras concepções, discursos e práticas. Volto para meus primeiros apontamentos: enquanto tivermos a predominância de disciplinas e conteúdos que valorizem um único viés e hegemônico de saúde... teremos mais dificuldades em formar profissionais/professores que atuem com uma visão ampliada de saúde.

Meu destaque, neste aspecto, é para as atuais legislações que regem – ou que pretendem reger – os currículos dos cursos de formação profissional em Educação Física:

a) Resolução 6, de 2018 (BRASIL, 2018), que *Institui Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Educação Física*, em linhas gerais, propõe uma formação básica em 2 anos e, a partir do 3º ano, a opção pela licenciatura ou pelo bacharelado. Podendo complementar o outro curso posteriormente. Portanto, se refere à possibilidade de dois cursos de formação profissional em EF: licenciatura e bacharelado.

No artigo 20, que trata da formação do Bacharel em Educação Física, indica que para atuar nos campos de intervenção, deverá contemplar os seguintes eixos articuladores:

I - saúde: políticas e programas de saúde; atenção básica, secundária e terciária em saúde, saúde coletiva, Sistema Único de Saúde, dimensões e implicações biológica, psicológica, sociológica, cultural e pedagógica da saúde; integração ensino, serviço e comunidade; gestão em saúde; objetivos, conteúdos, métodos e avaliação de projetos e programas de Educação Física na saúde;

II - esporte;

³ Fonte: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/eventos/estado-avalia-resultados-da-implantacao-do-lien-ch-i-nas-aulas-de-educacao-fisica-nas-escolas-estadu/>.

III - cultura e lazer.

Entendo ser uma iniciativa interessante para os cursos de bacharelado em EF e vem ao encontro do que trato aqui. Porém... na parte comum à formação profissional e na parte específica da Licenciatura em EF, nenhum indicativo sobre saúde e/ou saúde coletiva.

b) Na Resolução 2, de 2019 (BRASIL, 2019), que *Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação)*, trata da questão da saúde como uma competência do(a) professor(a), lá no anexo do documento.

FINALIZANDO...

Claramente, nosso papel em um momento atípico e difícil como este que estamos vivendo não é de supor que temos condições de “resolver os problemas”. Não temos!

Menos ainda, não quero passar a impressão de que “se fizessemos assim” ou “se pensássemos assim” ou “se agíssemos desta ou daquela maneira” as coisas seriam mais simples ou mais fáceis. Não seriam!

Os problemas causados pela pandemia são gigantescos e, inevitavelmente, de longa duração. Para muitos, sobreviver é a principal questão!

Contudo, penso que seja um momento de refletir sobre nosso papel enquanto cidadãos, enquanto educadores, enquanto professores de EF e, a partir de toda essa situação, tentar refletir um pouco sobre as questões de saúde que tanto nos assustam hoje.

Volto ao início: de qual EF estamos falando e tratando? De qual saúde estamos falando e tratando? Por que será que há uma defesa pelo “rápido” retorno dos espetáculos esportivos? Quais as diferenças e semelhanças entre o futebol da Champions League, a “bolha da NBA”⁴

4

Para entender um pouco melhor a proposta da bolha da NBA, ver: “NBA 2020: Como funciona a bolha para os jogadores na Disney” (<https://www.dci.com.br/esporte/nba-2020-bolha-disney/4291/>) e/ou “NBA mostra como se faz uma bolha contra covid-19: em 3 meses, nenhum caso” (<https://www.uol.com.br/esporte/basquete/ultimas-noticias/2020/09/30/nba-mostra-como-se-faz-uma-bolha-contra-covid19-em-3-meses-nenhum-caso.htm>).

(em 2020), a Copa América⁵ (em 2021) e os esportes e os atletas brasileiros? Há alguma possibilidade de comparação entre eles?

De qual saúde estamos tratando ao discutir a reabertura das academias ou a volta dos campeonatos de futebol pelo nosso país?

Espero ter explicitado ao longo da minha fala a opção pelo cuidado de si, cuidado do outro, da inclusão de práticas corporais alternativas, da autonomia dos estudantes/sujeitos, da passagem do plano individual para o coletivo.

Lembro que, tal qual a saúde que abordamos aqui, devemos pensar nos outros temas que necessitamos tratar, nas escolas, com os estudantes, o tempo todo: consumismo, gênero, racismo, violência, meio ambiente, desigualdades sociais... no nosso caso, **a partir das práticas corporais.**

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Priscilla de C.; LAGARANHA, Daniela M.; SOUSA, Marcel F.; SILVA, Ana M.; FRAGA, Alex B. Revisão sistemática sobre práticas corporais na perspectiva das práticas integrativas e complementares em saúde. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 30, n. 55, p. 227-247, out. 2018. ISSN 2175-8042. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2018v30n55p227>>. Acesso em: 16 ago. 2020. <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2018v30n55p227>.

BETTI, Mauro. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento. 1991.

BETTI, Mauro. Educação física e sociologia: novas e velhas questões no contexto brasileiro. In: CARVALHO, Yara M.; RUBIO, Katia (org.). **Educação física e ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 155-169.

BRACHT, Valter. Educação física & saúde coletiva: reflexões pedagógicas. In: FRAGA, Alex B.; CARVALHO, Yara M.; GOMES, Ivan. M. (org.). **As práticas corporais no campo da saúde**. São Paulo: Hucitec, 2013. p.178-197.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CEP nº 6, de 18 de dezembro de 2018. **Institui Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Educação Física e dá outras providências**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2018-pdf/104241-rces006-18/file>>. Acesso em: 28 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro 2019. **Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para**

5

Iniciada no Brasil em 13 de junho de 2021, em pleno caos da pandemia, “Copa América registra 41 casos de coronavírus” (<https://www.terra.com.br/esportes/futebol/copa-america-registra-41-casos-de-coronavirus.0b31828b5b2c88589a9105f01b2ac67e079ehzsq.html>).

a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Brasília, DF, 2019. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2019-pdf/135951-rcp002-19/file>>. Acesso em: 28 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Diretrizes do NASF: Núcleo de Apoio à Saúde da Família**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. Cadernos de Atenção Básica, n.27. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_do_nasf_nucleo.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2021.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental (Tema Transversal Saúde)**. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/saude.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2021.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Papyrus, 1991.

DARIDO, Suraya C.; RODRIGUES, Luiz H.; RAMOS, Glauco N. S.; GALVÃO, Zenaide; FERREIRA, Lílian A.; MOTA E SILVA, Eduardo V.; SANCHES NETO, Luiz; RANGEL, Irene C. A.; PONTES, Gustavo H.; CUNHA, Felipe P. **Educação física e temas transversais: possibilidades de aplicação**. São Paulo: Ed. Mackenzie, 2006.

DARIDO, Suraya. C.; RANGEL-BETTI, Irene C.; RAMOS, Glauco N. S.; GALVÃO, Zenaide; FERREIRA, Lílian A.; MOTA E SILVA, Eduardo V.; RODRIGUES, Luiz H.; SANCHES NETO, Luiz; PONTES, Gustavo H.; CUNHA, Felipe P. A educação física, a formação do cidadão e os parâmetros curriculares nacionais. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 17-32, 2001. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rpef/article/view/139482>>. Acesso em: 14 jun. 2021.

FERREIRA, Lílian A. **Reencantando o corpo na educação física: uma experiência com as práticas corporais alternativas no ensino médio**. 2000. 159 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2000.

FERREIRA, Lílian A.; RAMOS, Glauco N. S. Educação física escolar e praxiologia motriz: lógica interna e os universais ludomotores nas relações com a cultura corporal de movimento. In: FERREIRA, Lílian A.; RAMOS, Glauco N. S (org.). **Educação física escolar e praxiologia motriz: compreendendo as práticas corporais**. Curitiba: CRV, 2017. p. 13-31.

LORENZETTO, Luiz A; MATTHIESEN, Sara Q. **Práticas corporais alternativas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

MORAIS, Vinícius B.; LEMOS, Fábio R. M. Práticas corporais alternativa e a educação física escolar. **EFDeportes**, Revista Digital, Buenos Aires, n. 193, jun. 2014. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd193/praticas-corporais-alternativas-e-educacao-fisica.htm>>. Acesso em: 16 ago. 2020.

OLIVEIRA, Victor J. M.; MARTINS, Izabella R. M.; BRACHT, Valter. Projetos e práticas em educação para a saúde na educação física escolar: possibilidades! **Rev. Educ. Fís/UEM**, v. 26, n. 2, p. 243-255, 2. trim. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/25600>>. Acesso em: 16 ago. 2020.

PALMA, Alexandre; ASSIS, Monique. Autonomia. In: GONZÁLEZ, Fernando J.; FENSTERSEIFER, Paulo E. (org.). **Dicionário crítico de educação física**. 3ª ed. rev. e ampl. Ijuí: Editora Unijuí, 2014. p. 67-71.

RAMOS, Glauco N. S.; FERREIRA, Lílian A. Parâmetros Curriculares Nacionais: educação física e saúde. **Corpoconsciência**, Santo André, v. 5, p. 55-63, 2000. Disponível em: <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/issue/view/296>>. Acesso em: 16 ago. 2020.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; FIGUEIREDO, Isabella A. Concepções de saúde, doença e cuidado em *Primeiras estórias*, de Guimarães Rosa. **Saúde soc.**, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 883-897, set. 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902018000300883&lng=pt&nrm=isso>. Acesso em: 15 ago. 2020. <https://doi.org/10.1590/s0104-12902018171009>.

SILVA, Irene de J. e cols. Cuidado, autocuidado e cuidado de si: uma compreensão paradigmática para o cuidado de enfermagem. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 697-703, set. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342009000300028&lng=en&nrm=isso>. Acesso em: 18 ago. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342009000300028>.

SOARES, Carmen L. **Educação física: raízes européias e Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1994